



GT 045. Moralidades, afetos e políticas: sobre e das relações de gênero entre indígenas

Patricia Carvalho Rosa (Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá) - Coordenador/a, Elizabeth de Paula Pissolato (Universidade Federal de Juiz de Fora) - Coordenador/a, Diógenes Egidio Cariaga (PPGAS/UFSC) - Debatedor/a, Suzana Cavalheiro de Jesus (Universidade Federal do Pampa) - Debatedor/a, Andrea Carvalho Mendes de Oliveira Castro (Universidade Federal do Paraná) - Debatedor/a

O GT pretende colocar em diálogo pesquisas que reflitam sobre os modos indígenas de elaboração e significação de suas noções de identidades de gênero e sexuais diante de suas existências híbridas quando observamos as escalas de mobilidades/trânsitos de referentes morais e éticos que passam a circular e constituir seus cotidianos. Estes referentes plurais têm conectado diferentes pontos de vista entre os coletivos ameríndios; nos modos como as narrativas sobre pessoa, corpo, parentesco não estão distantes de relações que envolvem distintos regimes de alteridade e relações de poder. Sob tais condições sempre plásticas e conjunturais de produzir gradientes relacionais, etnografias recentes conduzem nossos olhares às considerações dos fatores que contribuem para a heterogeneidade de experiências indígenas relativas às problemáticas de gênero que atravessam as estruturas simbólicas e práticas coletivas. Entre estes processos a afiliação religiosa, idade, escolarização, relações com o sistema de saúde, mobilidades e migração, gestão dos territórios, são fatores transversais que intersectam elementos culturais, históricos e políticos que cominam nas cosmopolíticas efeitos conceituais, de tradução, manejo das diferenças e experimentações de vivências diferenciadas. Esperamos reunir pesquisas que reflitam sobre os (re)posicionamentos dos entendimentos indígenas sobre os domínios, relações e agenciamentos masculinos e femininos e como estes vem vivenciando e significando estes processos.

Mulheres Indígenas em Movimento: Um Olhar Sobre o Protagonismo das Mulheres Jenipapanindé, Aquiraz-CE

Autoria: Regilene Alves Vieira

Assistimos na contemporaneidade os debates sobre gênero ocuparem lugar importante na Antropologia, tendo em vista, uma maior preocupação em trazer esses debates para todos os setores da sociedade, destacando principalmente, os meios educacionais. Isso não se deu de forma aleatória, muito pelo contrário, se atualmente existe uma maior preocupação em discutir gênero nos espaços educacionais, de pensar políticas públicas voltadas para a questão de gênero, de existir leis específicas que “protegem” as mulheres, é porque as mulheres negras, trans, lésbicas, periféricas, indígenas, quilombolas, dentre outras, no decorrer da história lutaram e resistiram forjando seus protagonismos em sociedades patriarcais, tornando possível para as gerações futuras maior liberdade ao falarem das problemáticas que afetam os corpos femininos e também de evidenciar as trajetórias, protagonismos e as lutas das mulheres para garantir maior visibilidade. Em contrapartida, apesar dos debates de gênero terem se fortalecido nos últimos tempos com uma perspectiva que contempla a diversidade de feminismos e demandas específicas por políticas públicas, percebe-se ainda uma certa invisibilidade das mulheres indígenas nestes debates e na produção acadêmica, principalmente no Nordeste. Nesse sentido, O trabalho objetiva refletir sobre a questão de gênero no contexto dos povos indígenas, especificamente no contexto da etnia Jenipapanindé, localizada no Município de



Aquiraz-CE, onde buscou-se perceber a atuação da Mulheres Jenipapo-Kanindé em uma festa importante para seu povo, intitulada “Marco Vivo”, apresentando um olhar sobre o protagonismo dessas mulheres no espaço público. Para dar conta deste intento a metodologia consistiu na observação-participante da festa.



Realização:



Apoio:



Organização:

